

Beato Amadeu, *Nova Apocalipse*, introdução, tradução e notas Domingos Lucas Dias, edição crítica Domingos Lucas Dias, Sebastião Tavares de Pinho, Arnaldo do Espírito Santo, (Portugaliae Monumenta Neolatina, 14) Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra 2014; 638 pp.; ISBN: 978-989-0553-1. ISBN edição digital: 978-989-26-0715-3; DOI: [http://dx.doi.org/ 10.14195/ 978-989-26-0715-3](http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0715-3).

Este volume oferece a primeira edição impressa da *Apocalipsis nova*, obra de intenção profética e reforma da Igreja atribuída ao religioso português do século XVI João da Silva Meneses, ou João Meneses da Silva, conhecido como Beato Amadeu, Amadeus Lusitanus, Amadeus Hispanus e outras variantes que apontam para a sua origem. *Apocalipsis nova* abrevia o título *Apocalypsis nova sensum habens apertum et ea que in antiqua Apocalipsi erant intus, hic ponuntur foris, hoc est, que erant abscondita sunt manifesta* (Nova Apocalipse de sentido aberto e em que se dá a conhecer quanto na antiga Apocalipse estava oculto, isto é, aquilo que estava escondido torna-se manifesto).

A edição, publicada em mais um volume da excelente coleção Portugaliae Monumenta Neolatina, retoma, embora tal não seja mencionado, o trabalho apresentado e editado na tese de doutoramento de Domingos Lucas Dias, *Beato Amadeu da Silva, Apocalipsis Nova – Nova Apocalipse*, edição crítica, fixação do texto, tradução, introdução e notas, apresentada na Universidade Aberta, Lisboa, em 2004, sob orientação de Arnaldo do Espírito Santo. Até esta edição, para além de excertos em diversas obras e estudos, estavam impressas partes da *Apocalypsis Nova* no primeiro volume da *Bibliotheca virginalis sive Mariae mare magnum* (Madrid, 1648, vol. I, pp. 673, 681-727), onde o franciscano Pedro de Alva y Astorga publicou quase tudo dos *raptus* 4º, 5º e 8º. Esta edição parcial não é citada ou tida em conta para esta edição, nova e integral. A edição crítica e a fixação do texto latino tem também a participação dos eminentes latinistas Arnaldo do Espírito Santo e Sebastião Tavares de Pinho. O texto latino, com aparato de variantes e alguma identificação de fontes em pé de página, é publicado com tradução portuguesa defronte (pp. 53-627), esta da responsabilidade de Domingos Lucas Dias.

A *Apocalypsis nova* é transmitida em elevado número de manuscritos que na sua segunda parte transmitem *Sermões* que também são atribuídos a João da Silva Meneses, mas permanecem inéditos. A biografia de João da Silva Meneses parece composta em partes iguais de lenda, crónica social, fantasia, factos atestados, suposições plausíveis. Entre estas o provável nascimento em Campo Maior por

volta de 1427 (mas também poderia ter nascido em Ceuta), segundo uma tradição irmão de S. Beatriz da Silva, a fundadora da Ordem da Imaculada Conceição. Terá tido um provável exórdio como homem de armas, ferido em combate e conselheiro dos reis Duarte I e Afonso V. Mais documentado é o percurso religioso, que decorre sempre fora de Portugal. Entra por breve tempo para a ordem dos Eremitas de S. Jerónimo no mosteiro de Santa Maria de Guadalupe, na Estremadura espanhola, daí saindo para Itália onde, por volta de 1452, entra na Ordem dos Frades Menores em Assis. É ordenado em 1459, ano em que com outros seguidores constitui uma congregação no interior dos franciscanos, que ficaria conhecida como os amadeítas, que teriam um rápido crescimento, chegando às 39 casas conventuais, todas reintegradas na ordem em 1585, quando a congregação dos amadeítas é dissolvida por bula papal, na sequência de conflitos com a Ordem e . De vida austera e espiritualidade exemplificadora, Meneses da Silva manteve relações com famílias de elevada nobreza, desde a proteção de Francesco Sforza em Milão. Essa vida exemplar é apreciada pelo povo e pelos nobres e Sisto IV Della Rovere, que já o defendera quando era geral da Ordem dos Frades Menores, chama-o para seu confessor e atribui-lhe por bula de 1472 uma pequena igreja em Roma no Gianicolo, então um lugar mais ou menos isolado e de não fácil acesso, onde uma tradição localizava o martírio de S. Pedro. Em S. Pedro in Montorio erguer-se-á a nova igreja e o complexo conventual cuja construção se inicia nos anos em que Amadeu aí vive e permanece até hoje como um dos testemunhos da monumentalização de Roma durante o papado de Sisto IV. Uma bula do Papa Sisto IV confirma a atribuição dessa igreja a frei Amadeu em 1481, o ano anterior ao da sua morte que ocorre em 1482. O início das novas construções sob frei Amadeu é entregue a arquitetos de renome e decorre com apoio papal e financiamento do rei de Espanha, Fernando o Católico (em promessa a Amadeu pela propiciação do nascimento de um herdeiro do trono de Espanha) e do rei de França Luís XI, todos eles apoiantes das iniciativas de frei Amadeu, tal como o fora Francesco Sforza em Milão. A sua presença e prestígio junto das famílias poderosas, mas também pelo povo que a ele acorre em grande número, resulta de uma combinação de admiração pelos seu fervor espiritual, simplicidade de vida e poderes taumátúrgicos e de intercessão. Também o rei Luís XI de França custeou despesas de construção da igreja, assim como custeará as despesas do funeral e da tumba de frei Amadeu na Igreja de S. Maria della Pace em Milão, que ele mesmo fundara em 1466. Nos anos sucessivos à morte de frei Amadeu o programa construtivo em S. Pietro in Montorio prossegue com apoio financeiro do papa e do rei de Espanha, sob a responsabilidade de arquitetos que se tornam

importantes na renovação monumental de Roma. Um pátio adossado à igreja alberga o bellissimo Tempietto de Bramante, construído no início do século XVI. Sobre frei Amadeu como fundador da S. Pietro in Montorio renascentista veja-se a obra de Flavia Cantatore, *San Pietro in Montorio. La chiesa dei Re Cattolici a Roma* (Ed. Quasar, Roma 2007, passim; obra não citada no estudo introdutório).

O percurso biográfico de frei Amadeu, reconstruído nas pp. 5-9 sobretudo a partir de um detalhado e documentado estudo de António Domingos de Sousa Costa («Studio critico e documenti inediti sulla vita del Beato Amadeo da Silva nel quinto centenario della morte», em *Noscere Sancta. Miscellanea in Memoriam di Agostino Amore OFM*, Roma 1985, vol. II, pp. 101-360), ajuda a explicar também a génese, a influência e a difusão da *Apocalipsis nova*. Aparentemente uma obra profética na tradição joaquimita onde a crença no fim dos tempos tem a intenção de suscitar a urgência e inevitabilidade da reforma da Igreja a partir dos seus fundamentos doutrinais e teológicos. Há um sub-discurso que a atravessa e fica explícito no final com diversas profecias de natureza político-territorial, envolvendo reinos e o papado (pp. 624-627), embora estas duas páginas possam constituir uma aditamento, como a sua disposição deixa suspeitar, possibilidade que afeta várias outras partes da obra, se não mesmo todo o texto. O conteúdo teológico-político da obra está relacionado diretamente com o próprio percurso e afinidades de frei Amadeu, sobressaindo a questão da união de Itália, a supremacia papal, a unidade da Igreja e a preparação social e política para o fim dos tempos.

É durante o seu período em Roma que Amadeu tem o hábito de se retirar em oração para uma gruta no ermo de Montorio Romano, próximo de S. Pietro in Montorio. E pretende que é nesse local humilde e propício ao isolamento que a *Apocalipsis Nova* lhe é revelada, como repetidamente se lê na obra e desde o seu início: «Eu, Amadeu, fui arrebatado da minha gruta em Montorio onde estava em oração [*corrijo desta forma a tradução de “ex spelunca mea ubi orabam in monticulum”*], para a assembleia onde estavam, perante Deus, os anjos e as almas dos santos que honramos e veneramos. E, enquanto aí estava, invadiu-me pavor e tremor. Incapaz de proferir palavra, era como um homem incapacitado de sentir e de pensar. Surgiu então à minha frente um varão de aspecto distinto, de face e veste brilhantes, que me dirige estas palavras: Reconheces-me, servo de Deus? Meu senhor, respondi-lhe, jamais estive neste lugar, nunca vi semelhante Assembleia, nunca me vi envolvido em tão grande magnificência, como posso conhecer-te? Eu sou Gabriel, retorquiu aquele que sempre foi mandado a revelar os mistérios do Verbo de Deus, a quem tu te encomendas na tua oração quotidiana» (p. 57). O local da revelação é reevocado ao longo da obra, no início dos *raptus*

quinto, sétimo e oitavo menciona que orava «in cauerna mea» (pp. 224, 436, 514), ou que o anjo o manda regressar «ad spelunca tuam» (p. 512). E toda a obra segue esta abertura: a revelação decorre sempre em diálogo entre o anjo que faz revelações e Amadeu que o ouve e interroga. As revelações perante a assembleia celeste simulam, como tantas obras da tradição literária, uma vigem ao além guiada por interlocutor privilegiado que é fonte de um saber que o privilegiado tem a incumbência de passar a escrito ou transmitir. Neste caso a autoridade da revelação acentua-se pelo estado de suspensão de toda a capacidade racional num êxtase místico a que o narrador é elevado: «Incapaz de proferir palavra, era como um homem incapacitado de sentir e de pensar».

Na ficção narrativa mantida ao longo da obra, o anjo Gabriel tudo revela a Amadeu, que depois ditará o que ouviu e será o Pastor a quem as revelações se destinam quem de facto as dará a conhecer ao mundo. O primeiro arrebatamento conclui-se com estas palavras: «Voltando à minha gruta e chamado por Deus o secretário preparado para mim, obedecendo à ordem de Deus, mandei de imediato escrever estas coisas destinadas ao futuro Pastor» (p. 71). Mesmo para o ato físico da escrita Amadeu se revela incapaz e necessitado do auxílio de um anónimo escrivão escolhido por Deus. Amadeu fica com o mandato de guardar-se de revelar de imediato as «coisas destinadas ao futuro Pastor», fechando-as para que se abram no momento devido. Diz-lhe o anjo depois da retumbante apresentação a abrir o primeiro *raptus*: «Deus (...) enviou-me para que te instrua sobre cada um dos mistérios da fé e tu os mandes escrever. Preparei-te quem tudo há-de escrever conforme o ouvir da tua boca, em cujo tempo se hão-de realizar estas coisas. E aquele Pastor, que o próprio Deus conhece, dá-las-á a conhecer a todos. Mas, cuidado, não o digas, nem o reveles a quem quer que seja, pois é vontade de Deus que estas coisas sejam dadas a conhecer aos homens, no tempo próprio, por quem ele pretende. Ouve, pois, e presta atenção às minhas palavras: escolheu-te Deus a ti, enquanto simples e ignorante, para que todos saibam como é grande e poderoso o nosso Deus, que escolheu a fraqueza para confundir a força e os ignorantes para converter os sábios» (pp. 57-59). E nas últimas palavras da obra lê-se a mesma ordem para seja que aguardado o momento certo decidido por Deus para que os segredos sejam revelados ao Pastor escolhido, que realizará tudo o que se profetiza nas revelações (p. 627).

Uma sequência de revelações, de Deus para o Arcanjo, deste para Amadeu, deste para o escrivão, do texto escrito para o Pastor e deste para o mundo, forma a linha encadeada de barreiras que protege do acesso aos segredos proféticos que não podem ser conhecidos de imediato. Há um único elo entre todos esses

intervenientes: *Ego Amadeus*, o escolhido por Deus como transmissor humano, aquele que se enuncia a si mesmo no *incipit* da obra. A construção funciona e o texto permanece fechado até à abertura dos selos, que reedita um topos do *Apocalypse* joanino, abertura que ocorrerá em 1502 em S. Pedro in Montorio. A tarefa, atribuída ao amadeísta bispo Georgius Benignus, um grego de formação escotista (p. 21) é relatada na primeira em documentos existentes no manuscrito Milão, Biblioteca Trivulziana, 402, editados nas páginas 40-46 e analisados nas páginas 20-24. A maldição da abertura indevida teria feito morrer em poucos dias os que ousaram tentar revelar o texto, o que prevenira outras tentativas, que nem os papas que o detiveram ousaram ordenar.

Desde o início da transmissão da *Apocalypsis nova* se discute quer a autoria do texto, quer a sua ortodoxia, tendo-a uns como embuste e herética, e outros como sincera e de reta doutrina, mas sendo evidente para muitos a intenção teológico-política da obra. As sucessivas questiúnculas em torno da obra e mesmo da congregação amadeíta terão contribuído para a sua difusão por vias e razões mais ou menos heterodoxas. Dado o seu carácter a um tempo secreto e profético, diversos manuscritos da obra são acompanhados de documentos e relatos testemunhais relacionados com a abertura da obra ou com os processos censórios ou inquisitoriais a que é submetida para averiguar da sua fidedignidade doutrinal, nunca tendo sido objeto de censura ou condenação. Em Apêndices são publicados (pp. 40-50) documentos relacionados com estes processos, que se encontram no final ou no início de 3 dos manuscritos que transmitem a obra.

Um parte importante da Introdução é dedicada a discutir a controversa questão da autoria e principalmente as conclusões de António Domingos de Sousa Costa que no citado estudo de reconstituição biográfica concluía pela não genuinidade da obra, que teria sido objeto de adulteração que desvirtuava o pensamento de frei Amadeu (uma conclusão que se baseava em estudos biográficos e bibliográficos, uma vez que Sousa Costa nunca terá lido a *Apocalypsis nova*, cfr. pp. 38-39).

Face à controvérsia e sobretudo à tese da adulteração, com a qual os cronistas e historiadores franciscanos se defendem quanto à possível natureza doutrinalmente inapropriada de algumas posições, o editor e autor da Introdução é claro ao afirmar que «*Apocalypsis Noua* tal como hoje o temos é obra do Beato Amadeu» (p. 33). Acentua também que também não era ignorante, mas antes ilustrado em escritores escolásticos (pp. 36-37), ao contrário do que o próprio narrador constantemente quer fazer crer. Apesar de suficiente para fundamentar as teses que o autor defende, a breve bibliografia da p. 51 está longe de espelhar algumas vertentes importantes dos estudos sobre Amadeu e a *Apocalypsis*, sendo

notória a ausência dos estudos de historiadores italianos (em particular os estudos de Flavia Cantatore sobre S. Pietro in Montorio, um dos quais acima citado, ou estudos importantes como A. Morisi, *Apocalypsis nova. Ricerche sull'origine e la formazione dei testi dello pseudo-Amadeo*, Roma 1970; A. Morisi-Guerra «The *Apocalypsis Nova*: a Plan for Reform», em M. Reeves (ed.), *Prophetic Rome in the High Renaissance Periode*, Oxford 1992, pp. 27–50G. Ferri Piccaluga, «Economia, devozione e politica: immagini di francescani, amadeiti ed ebrei nel secolo XV», em *Il francescanesimo in Lombardia. Storia e arte*, Milano-Cinisello Balsamo 1983, pp. 107-112; C. Vasoli, «Dall'*Apocalypsis nova* al *De Harmonia mundi*. Linee di una ricerca», em *I frati minori tra '400 e '500*, Assisi 1986, pp. 259-291; G.G. Merlo, *Nel nome di san Francesco. Storia dei frati minori e del francescanesimo sino agli inizi del XVI secolo*, Padova 2003, pp. 342-377 e a entrada do mesmo autor no *Dizionario Biografico degli Italiani*, vol. 73, 2009; para além de um vasto conjunto de referências em estudos sobre S. Pedro in Montorio ou a ordem franciscana nos séculos XV e XVI), assim como não ocorrem importantes estudos de José Adriano de Freitas Carvalho («A difusão da *Apocalypsis Nova* atribuída ao 'Beato' Amadeu da Silva no contexto cultural português da primeira metade do século XVII», *Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas*, II série, 19, 2002, pp. 5-40; «Acheegas ao estudo da influência da *Arbor vitae* e da *Apocalypsis nova* no século XVI em Portugal», *Via spiritus*, 1, 1994, pp. 55-109), apenas para dar alguns exemplos. Neste e em outros aspetos a Introdução deste volume não dispensa a consulta da Introdução da tese de doutoramento Domingos Lucas Dias citada acima.

Apocalypsis noua é composta por 8 *raptus*. Cada um desses arrebatamentos tem uma certa unidade temática, centrada em questões de natureza teológica ou eclesiológica mais ou menos controversas, que na época alguns aspiravam a refundamentar. A via de Amadeu é a da visão profética e da viagem ao além guiado pelo anjo Gabriel. Elevado à sua presença oito vezes, em cada uma delas é instruído sobre um conjunto extenso de assuntos, mais ou menos encadeados entre si. No 4º *raptus* revela que o Pastor «purgará o mundo de todos os erros, ensinará a todos o que ainda está oculto» (p. 155) e passa a enumerar uma séria de temas que coincidem, embora de forma desordenada, com o conteúdo de toda a obra e ainda com os sermões (cfr. pp. 33-34), no que parece ser um modo de fazer coincidir o conteúdo dos trabalhos de Amadeu com as tarefas do Pastor encoberto e de próxima ação no mundo. Começa no primeiro *raptus* com a explicação da criação do mundo e dos anjos, no segundo explica a criação do homem e sua colocação no paraíso, no terceiro a criação da mulher e a tentação do homem, no quarto a glória

do paraíso e a milagrosa concepção de Maria, no quinto a encarnação do verbo e a divindade de Cristo, no sexto o sacramento do corpo e do sangue de Cristo, no sétimo a doutrina da Trindade, no oitavo a assunção de Maria. As páginas finais incluem umas poucas profecias sobre o destino de nações prestes a consumir-se, algumas das quais parecem ter tido circulação independente (cfr. o Apêndice do primeiros dos estudos de Freitas de Carvalho acabado de citar).

A figura central, a chave profética que realizará o futuro, é o Pastor, descrito pelo anjo no *raptus* IV como o esperado reformador da Igreja. Nunca é nomeado mas o anjo diz a Amadeu: «já o viste mas não o reconheceste» (p. 155) e é-lhe mostrada de novo a sua face, mas também se prenuncia que «antes de ele voltar para Roma, chegarás tu a Milão e aí morrerás» (p. 157, passagem que pode indiciar uma intervenção no texto após a morte de Amadeu). Portanto, a iminência do fim dos tempos e da definitiva reforma da Igreja anunciava-se para breve, o que não deixaria de aterrorizar ou de entusiasmar todos os ébrios de profecias.

Um importante recurso de validação a que Amadeu lança mão é apresentar-se como um ignorante sem estudos, modo indireto de atribuir valor à doutrina exposta com linguagem da escolástica, com a citação de Padres da Igreja e dos mais importantes mestres de Teologia dos séculos XIII e XIV, saber esse que só poderia provir da sabedoria angélica, de que ele apenas daria humilde testemunho auditivo. Mas, não se trata senão de artifício retórico, seja quem for o autor do texto. Como Sousa Costa mostrou, o testamento de frei Amadeu continha diversas obras que legou à Congregação, entre eles de Agostinho, Jerónimo, Alexandre de Hales, Ricardo de S. Victor, Boaventura, Tomás de Aquino, Duns Escoto (cfr. pp. 8-9), que coincidem em grande parte com autores citados ao longo da obra, sobretudo nos *raptus* VI e VII sobre a Trindade, onde são citados Jerónimo, Agostinho, Hilário, Alexandre de Hales, Boaventura, Tomás de Aquino, Duns Escoto, Pedro Auréolo, a par de outros cujos nomes são apenas mencionados, como Basílio, Gregório Nazianzeno, Crisóstomo, Dídimo, Atanásio, Ambrósio, Gregório, Anselmo, Boécio e Ricardo (cf. pp. 36-37). A este propósito é particularmente mordaz o juízo do dominicano frei Jerónimo Vitorino de Veneza transmitido no códice Bolonha, Biblioteca do Archiginasio, 190A, onde diz que, apesar de se apresentar como ignorante, entende que o autor, pelo que escreve, é «um homem erudito», mas que aí mesmo é também impostor, pérfido, hipócrita e mentiroso («uanum, subdolum, hypocritam et mendacem»), por querer fazer passar por verdade tudo o que inventa e falseia (cf. pp. 27-28 e o documento publicado nas pp. 46-49). Quanto às fontes, para além do texto Bíblico, são os escritores eclesiais que sobressaem quase em exclusivo. Aos censores e críticos

da obra não passou despercebido que o anjo está próximo das posições de Duns Escoto (sobre esta questão cfr. J. Meirinhos, «Escotistas portugueses dos séculos XIV e XV», em L.A. De Boni et tal. (org.), *João Duns Scotus (1308-2008). Homenagem dos scotistas lusófonos*, Porto Alegre – Bragança Paulista 2008, pp. 330-347, em particular as pp. 334-336). Um leitor do manuscrito Vaticano, BAV, Barb. lat. 475, anotou nas margens grande parte das fontes explícitas e implícitas de Amadeu, mas também identificou aqueles a quem se opõe (cfr. p. 36). Na edição, as fontes estão identificadas em 285 notas, na sua grande maioria relativas a passagens bíblicas.

A citação destes autores é sublinhada por um efeito de testemunho visual, porque não são apenas mencionados, são mesmo trazidos à presença de Amadeu e portanto do leitor. Abismo ainda mais retórico, pois por vezes nessa oportunidade até corrigem o seu próprio pensamento, como acontece com Agostinho no sétimo rapto: «E ao dizer isto, [o anjo] chamou Agostinho e disse a Tomás e a Escoto: Eis o doutor de quem sobretudo recebestes estas coisas. E aí estão muitos outros doutores latinos, de um lado (e mostrava Ambrósio, Jerónimo, Gregório, Anselmo, Boécio, Ricardo, Hilário). E outros aí estão, do outro lado (e mostrava Basílio, Gregório Nazianzeno, Crisóstomo e outros doutores gregos, Dídimo, Atanásio e outros). Mas, como disse, é deste Agostinho que mais coisas tendes». E da boca de Agostinho brota então uma doutrina das pessoas divinas, enquanto vai apontando para elas para as mostrar, doutrina que contraria o que o anjo dissera. Este repreende-o: «Esta tua afirmação colide com o que estou agora a ensinar. Ensinei, de facto, que tudo existe e se distingue na divindade por uma única substância». E na teatralidade do diálogo em que Amadeu é presença muda, Agostinho é posto a responder: «Confesso, anjo santo, que eu então não captei tão claramente estas coisas» (p. 455), expondo logo de seguida o que é de facto uma retratação do que acabara de dizer, fazendo recordar as próprias *Retractationes* do hiponense. Amadeu é pródigo nesta forma de fundamentar posições, o que torna os *raptus* e as revelações uma ficção doutrinal em que o autor se colocar do lado da doutrina que, com a encenação da viagem pelo empíreo, apresenta como divinamente transmitida, como uma segunda revelação que sustenta a necessária reforma da Igreja.

Na Introdução (pp. 9-20) também são analisados de modo apropriado os 21 manuscritos, 4 dos quais datados, para estabelecer a sua árvore genealógica e fundamentar as opções de restituição crítica do texto e a seleção de variantes significativas. É nesses manuscritos, listados na página 10, que se baseia a edição: 9 são de bibliotecas italianas, 6 da Vaticana, 5 de bibliotecas de Espanha e 1

da Biblioteca nacional de França. Esta distribuição reflete também a difusão dos amadeítas, embora haja testemunho de alguns manuscritos hoje não identificados que estiveram na posse de portugueses, como a cópia que o Padre António Vieira obteve do marquês de Gouveia, que tinha o seu próprio exemplar (cfr. p. 12).

Sendo um corpus manuscrito volumoso, estes 21 manuscritos não parecem ser toda a tradição manuscrita conhecida. Na secção dedicada a Amadeu da Silva em *Franciscan Authors, 13th-18th Century: a Catalogue in Progress* de Maarten van der Heijden e Bert Roest (http://users.bart.nl/~roestb/franciscan/franauta.htm#_Toc427590360) elencam-se também estes manuscritos: Firenze, Biblioteca Nazionale, Conv. soppr. A.6.1275 (Raptus in Apocalypsim); Messina, Biblioteca Comunale (olim Biblioteca Universitaria), 459 (s. XVII); Palermo, Biblioteca Comunale, 3 Qq B 24, B 25, B 26; Perugia, Biblioteca Comunale, ms. 434, ms. 1047; Napoli, Biblioteca Nazionale, VII. D. 44 (Amadei Revelationes et Raptus); Paris, Bibliothèque nationale de France, Lat. 684, Lat. 3326 (séc. XVI); Vaticano, BAV, Barb. lat. 476 (poderá ser o 475, elencado na edição), Barb. lat. 667, Barb. lat. 675 (poderá ser o mesmo 475). Contudo, é necessário verificar se estes 13 manuscritos contêm de facto alguma das obras atribuídas a frei Amadeu.

Os três editores oferecem um trabalho notável de restituição crítica do texto latino, com um seletto aparato crítico de variantes que testemunha os acidentes mais significativos da transmissão manuscrita. A paginação clara e de legibilidade atrativa faz jus à coleção publicada pela Imprensa da Universidade de Coimbra, fazendo correr na página defronte a tradução para português, o que facilita a aproximação ao texto de Amadeu a um muito mais vasto universo de leitores. Fica assim disponível aos estudiosos a tão aguardada edição da *Apocalypsis noua*, o que certamente propiciará novos e mais aprofundados estudos de um textos complexo e pleno de ardis, tanto para os decifradores de profecias, como para os entusiastas de controvérsias doutrinárias.

Espera-se e deseja-se agora que também ocorra, se possível na mesma coleção e com a mesma qualidade, a publicação dos *Sermones* que os manuscritos atribuem a frei Amadeu. Seria então possível avaliar a relação entre as duas obras e clarificar através de comparações textuais a extensão, qualidade e orientação da cultura doutrinária e teológica do frade franciscano que uma importante tradição considera português.

José Meirinhos

(Faculdade de Letras.

Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)